

Tocheiros: Cultura, Política e Racismo.

Não exageram aqueles que elencam o italiano Andrea Brustolon (Belluno, 1662 - Belluno, 1732) entre os maiores escultores em madeira da História. Suas estonteantes figuras humanas - em nogueira e ébano, no geral -, têm o luxo como atributo. Sinônimo de arte, o gênio do Veneto fez escola. Dele brotaram discípulos...E dos discípulos, novos discípulos. E de tantos, surgiu lucrativa indústria veneziana de produção de "Mouros Negros", "Mouriscos Negros" ou "Tocheiros Negros".

Requintadas ao longo do tempo, as silhuetas africanas ganharam vigorosos contornos, indumentárias densamente coloridas, bandejas, castiçais, folhas de tabaco e, em muitos casos, magníficas formas de frutas em cristais de Murano. Emergiram, então (não por acaso), como mandatórias peças ornamentais em suntuosos palácios europeus, sulistas mansões norte-americanas e, por vezes, nos coloniais e imperiais casarões brasileiros.

Mas estas testemunhas materiais de diferentes épocas e lugares também suscitam justas questões. Têm razão os que defendem que elas dizem mais sobre os escultores, indústrias e sociedades que as concebem e consomem do que sobre os povos e culturas retratados. Em cada traço destas estátuas, negros e islâmicos, por exemplo, são alvos expressos de toda sorte de estereótipos, preconceitos, discriminações e racismo.

"O requinte dos materiais, o "encanto" desses objetos, nos desviam da perturbadora natureza do que realmente estamos vendo, que é um corpo escravizado", afirma a historiadora da arte norte-americana, Adrienne Childs.

A Unidade de Gestão de Cultura (UGC) entende que Arte é, entre outras coisas, diálogo. E nos diálogos - quaisquer que forem os diálogos -, pressupõem-se encontros e relacionamentos simétricos com outros. Ou seja, na adoção de perspectivas multiculturais, plurais, transdisciplinares e, sobretudo, no inequívoco respeito à dignidade humana.

-Paulo Vicentini.

